representação gráfica de relações psicológicas familiares

SYLVIA BEATRIZ VALÉRIO MACHADO *

1. PROBLEMA

Êste trabalho é uma tentativa para elaborar um método destinado a facilitar a compreensão da dinâmica de grupos, através de gráficos em que se esquematizem as relações psicológicas manifestadas por membros de uma família, em sessão de diagnóstico, através da arte familiar.

2. INTRODUÇÃO

Várias têm sido as tentativas para elaborar gráficos e esquemas que dêem expressão objetiva ao processo mental e às relações humanas.

FREUD, em 1900, iniciou uma compreensão topológica em que se intercomunicassem vários modelos de explicação da personalidade: deixou claro que o fêz por necessitar de representações auxiliares que o ajudassem a obter uma aproximação a algo desconhecido, para isso servindo-se de material concreto.

Mais tarde, dotado de suficiente plasticidade, fêz questão de deixar claro que isso nada tinha a ver com anatomia, ainda que se referisse a regiões de um sistema anímico, qualquer que fôsse o lugar por elas ocupadas no corpo.

* Da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

KURT LEWIN, em *Principles of topological psychology* (1936) e em *The conceptual representation and measurement of psychological forces* (1938), utilizou-se das palavras "topológica" e "vetorial" para referir-se a posições geométricas, porque isso lhe pareceu proporcionar matemática apropriada para a descrição de situações psicológicas.

A topologia é uma geometria não-métrica de espaços, nos quais são empregados conceitos tais como "interior", "exterior" e "limite". LEWIN considera, então, que várias situações psicológicas estão estruturadas dêsse modo.

Em psicologia social tem-se tentado também empregar conceitos referentes a sistemas sociais. HEIDER, de acôrdo com a teoria de campo, em geral, considerou alguns aspectos de campos cognitivos, com a figuração de pessoas e objetos impessoais, ou de acontecimentos percebidos. Sua análise focaliza o que denomina a unidade P-O-X, de um campo cognitivo, que compreende *P* (uma pessoa), *O* (outra pessoa), e *X* (uma entidade impessoal).

A partir dêsses conceitos, CARTWRIGHT e HARARY, no artigo "Equilíbrio Estrutural, uma generalização da teoria de Heider", elaboraram uma nova e mais completa teoria, usando conceito matemáticos em gráficos lineares.

J. G. ROJAS BERMUDEZ, num artigo sôbre "Psicoterapia em grupos de crianças e adolescentes", apresenta uma série de esquemas e um gráfico correspondente a uma sessão de diagnóstico. Para isso relaciona atividades individuais (círculo ao redor de cada participante), com atividades interpessoais (linha cheia) em diferentes períodos de sessão.

Essas são algumas das numerosas tentativas de uma representação objetiva de processos subjetivos.

O processo de atendimento para diagnóstico, através da arte familiar, de autoria de D. HANNA KWIATKOUSKA, tem como finalidade observar a família do sujeito, ou seja, o campo psicológico primário tal como vivido pelo indivíduo. No diagnóstico clínico, principalmente, e em numerosos outros campos de estudo, a utilidade de tal recurso de observação é evidente. Êsse método vem sendo empregado na Clínica Psicológica da Universidade Católica do Rio de Janeiro, como complementação do diagnóstico individual, com bons resultados. Recentemente introduzido no Brasil, tem êle se revelado de real utilidade no conhecimento do comportamento do paciente no grupo de família, e dos vínculos com os demais membros dela em função da estrutura total. O enfêrmo, egresso do grupo familiar, deve ser considerado como representante e membro escolhido para exprimir as dificuldades e tensões do grupo. Se nos prendermos

a essa estimativa mais ampla, levaremos em consideração não só as dificuldades do paciente (problema individual), mas também o da dinâmica grupal, onde se acha inserido, como reflexo.

O indivíduo serve de válvula de escape e aparelho regulador da estabilidade emocional dos demais membros, nas relações de grupo. Há uma complementação de papéis, que é o fator mais importante na estabilidade do grupo. Por isso, muitas famílias não harmônicas nem equilibradas mantêm certo equilíbrio, o que se observa ao estudar-se o papel de cada membro; pois então encontramos, localizado nos demais indivíduos, o comportamento complementar daquele. Enfim, podemos estudar como a conduta de cada um está influenciada pela dos demais, recìprocamente.

Na maior parte das vêzes, embora conscientemente procure ajudar, a família não tem grande interêsse na cura do paciente, pois isso causaria um desequilíbrio na estrutura familiar. Exemplificando, podemos dizer que, comumente, encontramos mães ou responsáveis que aos primeiros sintomas de melhora do filho retiram-no do tratamento, por julgá-lo curado, mesmo quando lhe é mostrada a necessidade de continuá-lo. Por outro lado, quando o paciente prossegue o tratamento e recupera-se é comum que outros membros assumam a parte doente da família e sintam, êles próprios, a necessidade de procurar ajuda.

O atendimento familiar através da arte possibilita ao psicólogo observar todo o grupo numa só sessão, inteirando-se dos papéis que cada membro represente, suas comunicações, defesas, contrôles e necessidade de ajuda.

Êste trabalho pretende apresentar gráficos que permitam a representação visual do comportamento comunicativo dos membros da família, no momento do atendimento familiar através da arte.

Veremos adiante que cada família possui uma dinâmica psicológica particular, que pôde propiciar, ou não, o desenvolvimento normal de seus membros.

CHARLOTTE BÜHLER, em seu livro *A criança e sua família,* indica como fatôres favoráveis à harmonia no desenvolvimento da criança e traços de caráter mais desejáveis, os seguintes:

a) maior união entre pais e filhos, e maior afeto em suas relações mútuas;

b) maior participação do pai. não em relação à mãe, mas aos outros membros do grupo, na educação e vida do filho;

c) orientação da criança como parte integrante do grupo familiar, dado que os interêsses gerais dessa unidade são os que inspiram a conduta e as decisões de cada um de seus membros;

d) predomínio de um fim puramente humano e social, cultivo do afeto recíproco e cuidado no desenvolvimento da criança nos propósitos e recursos educativos dos pais;

e) inexistência de privações materiais.

Por outro lado, aspectos de conduta mais graves e formação caracteriológica menos favorável aparecem unidos às seguintes circunstâncias:

a) poucos contatos e pobreza de manifestações de afeto entre a criança e os pais;

b) poucas relações baseadas em carinho recíproco;

c) predomínio e presença constante de um fim puramente formal na educação da criança, com desinterêsse das necessidades infantis;

d) desperdício econômico.

Os casos por nós estudados confirmam totalmente essas afirmações de CHARLOTTE BÜHLER.

As famílias observadas, das quais algumas serão aqui apresentadas, revelam que contatos afetivos mais numerosos propiciam estruturas mais harmônicas, permitindo melhor desenvolvimento de seus membros e maior estabilidade entre êles.

Parece que maior liberdade intragrupal permite que seus membros não assumam papéis estanques que limitam e prejudicam o desenvolvimento de cada um. O afeto recíproco e a comunicação livre permitem que os membros experimentem papéis variados, o que lhes dá oportunidade de novas vivências que enriqueçam sua personalidade. Por outro lado, grupos rígidos, não receptivos, levam seus membros a não se sentirem aceitos nêle, a não ser na forma pré-estabelecida, havendo então duas soluções: ou o indivíduo se submete ao papel que lhe é impôsto pelo grupo, limitando seu próprio desenvolvimento com liberdade, ou reage provocando o desequilíbrio na estrutura grupal.

À vista do exposto, podemos dizer que a estabilidade do grupo e a normalidade de seus integrantes irá depender grandemente da quantidade e da qualidade dos modos de comunicação entre seus membros.

Estabeleceremos para facilitar o estudo, três tipos de comunicação básica:

1) *Comunicação positiva,* que revela afetos positivos, tais como, amor compreensão, aceitação e aproximação entre os membros;
2) *Comunicação negativa,* que revela reações negativas, tais como, agressões, hostilidade, rejeição entre os membros;
3) *Comunicação inibitória,* que visa a controlar o aparecimento de qualquer sentimento, que não aquêles pré-estabelecidos pelo grupo, que ameace sua pseudo-estabilidade.

Essa classificação tem apenas fins didáticos, ficando claro que outros tipos de comunicações podem ser estabelecidos. Limitamo-nos a êsses três tipos, porque foram os contatos mais marcantes estabelecidos entre os familiares estudados, e que determinavam o grau de estabilidade e aceitação de seus membros.

Passaremos agora a descrever o método empregado.

3. MÉTODO

a) O método empregado no diagnóstico e observação dos grupos familiares foi o da avaliação da personalidade através da arte familiar, de D. HANNA KWIATKOWSKA. Consta apenas de um encontro com todos os membros da família, onde se lhes pede que façam seis desenhos pré-estabelecidos:

a) livre;
b) a família;
c) a família abstrata;
d) rabisco individual;
e) rabisco conjunto;
f) livre.

Enquanto os membros da família desenham, seu comportamento é observado pelo psicólogo, psiquiatra ou assistente social. Não há tempo fixo. Segundo o número de membros e rapidez dos participantes, pode levar de uma hora e meia a três horas.

Para o presente estudo escolhemos oito famílias que parecem caracterizar com nitidez, diferentes tipos de dinâmica grupal.

Para cada família observada, foi elaborado um resumo da sessão e um gráfico que procura esquematizar as relações psicológicas familiares durante o atendimento.

Como veremos a seguir, cada gráfico possui formato e características próprias, o que permitirá a compreensão global das relações e da estabilidade do grupo, e da aceitação de seus membros nêle.

b) Amostra

Foram atendidas oito famílias de crianças matriculadas na Clínica de Orientação Psicológica da P.U.C. para diagnóstico clínico. As famílias identificadas de *A* a *H* estavam constituídas na forma da Tabela I, e as idades dos sujeitos, na da Tabela II.

TABELA I

Famílias	*Pai*	*Mãe*	*Fos*	*Fas*	*Outros*	*Total*
A	1	1	1	—	—	3
B	—	1	1	—	1-tio	3
C	1	1	2	—	—	4
D	1	1	1	1	—	4
E	1	1	1	1	—	4
F	1	1	1	2	—	5
G	1	1	2	1	—	5
H	1	1	1	2	—	5
8	7	8	10	7	1	33

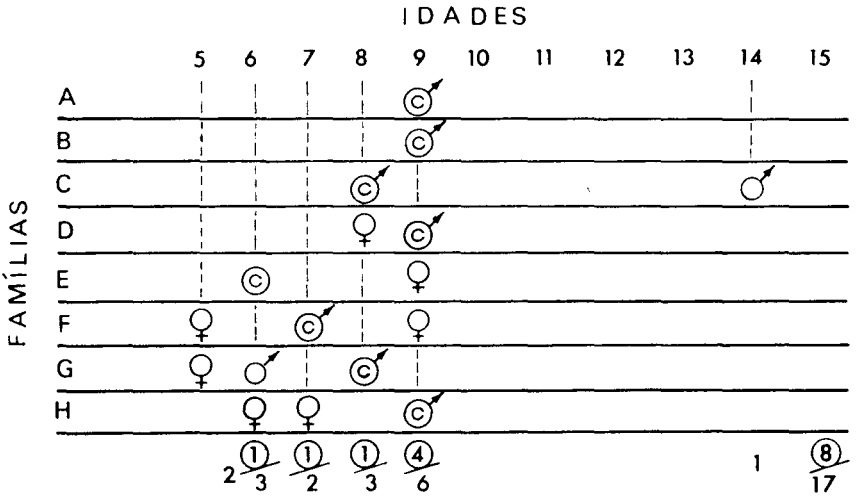
TABELA II

Famílias	*Pai*	*Mãe*	*Fos*	*Fas*	*Outros*
A	43a	44a	9a	—	—
B	—	36-	9a	—	Tio 23a
C	43a	35a	8a	—	—
D	41a	34a	9a	8a	—
E	41a	37a	6a	9a	—
				9a	
F	35a	33a	7a	5a	—
			8a		
G	41a	33a	6a	5a	—
				7a	
H	39a	32a	9a	6a	—

As médias das idades dos membros da amostra eram as seguintes: Pais, 40 anos; Mães, 35; filhos, 8 anos e meio; filhas, 7 anos; outros, 23 anos.

A Tabela 3 dá uma visão da quantidade de crianças do sexo masculino (10) e do sexo feminino (7) em cada família estudada, e da distribuição cronológica e localização do paciente (a palavra paciente é usada no sentido de membro indicado pelos demais familiares como representante das dificuldades do grupo). Como será visto mais tarde, isso não significa que o paciente seja o membro mentalmente mais prejudicado em cada grupo.

TABELA III



Vemos que a maioria absoluta de pacientes é do sexo masculino, sendo que se distribuem predominantemente entre as idades de 6 a 9 anos.

Entre oito dos meninos indicados pelos pais como possuidores de dificuldades, nessa amostra, cinco são primogênitos. Um é mais jovem 5 anos que o irmão mais velho. Os dois restantes são filhos segundos, sendo que o primogênito, em ambos os casos, é do sexo feminino.

Outros dados sôbre a situação familiar aparecerão nos resumos de cada família.

c) Tentativa de representação gráfica

Os gráficos permitem tão-sòmente representar a dinâmica do grupo e as relações psicológicas de seus membros durante o atendimento

familiar. Devem ser estudados como uma amostra de possíveis comportamentos mais amplos. Não são dados estáticos, sempre idênticos ou com caráter fixo. Sua interpretação liga-se diretamente a outros dados sôbre o paciente e sua família, anamnese, entrevista psiquiátrica, testes psicológicos e resumo da sessão familiar.

Para a elaboração dos gráficos, usamos algumas convenções que necessitam ser esclarecidas. Para tanto, utilizamos o conceito de "campo psicológico", espaço vital da teoria de campo, de KURT LEWIN. Espaço vital da família seria o espaço em que seus membros viveriam psicològicamente. Está condicionado e influenciado pelo ambiente físico, social e conceitual, mas não pode ser identificado com êsse ambiente. É um *constructo* destinado a apresentar a situação psíquica num dado momento. O campo psicológico das famílias aqui estudadas será representado por um quadrado onde a posição de seus membros em seu interior variará de acôrdo com a dinâmica de cada família.

No meio do quadrado, fixaremos um ponto ou núcleo que simbolizará a vivência de grupo de seus membros (coesão). Isto é, quanto mais próximos do centro, mais entrosados no contexto familiar estarão seus membros, respondendo pela afirmativa quanto aos itens *c* e *d* de CHARLOTTE BÜHLER, citados anteriormente.

Quatro pontos equidistantes do núcleo no campo psicológico limitam a participação ativa e o início do afastamento dos membros na interação familiar (não-coesão).

A distância entre os personagens simboliza a distância psicológica em que se colocam, isto é, a maior ou menor comunicação de afetos existentes entre êles.

A direção das comunicações é representada por setas.

A intensidade dos afetos nelas contidas é comparável à intensidade do traçado. Encontramos traçados pontilhados, que representam comunicações de sentimentos apenas esboçados; até linhas grossas, que significam comunicações afetivas intensas.

As linhas possuem três formas diferentes, simbolizando os três tipos de comunicação afetiva antes citados:

a) comunicação positiva: reto;

b) comunicação negativa: ondulade;

c) comunicação inibitória: denteade.

Os personagens serão sempre identificados como:

P : pai c : cliente (paciente) Fa : filha
M : mãe Fo : filho Fo+ : filho mais velho
Fo — : filho mais nôvo, sempre em relação a c.

4. RESULTADOS

Descrição das famílias, resumo das sessões e gráficos correspondentes a cada caso.

Caso A

Data do nascimento — 19-4-57 idade — 9 anos
Côr — branca Sexo — masculino
Religião — ... Escola — S.A.
Ano escolar — admissão

pai — 43 anos — GB — educação superior, advogado
mãe — 44 anos — GB — educação secundária, dona de casa
Irmãos — ...

Situação econômica — adaptada
Nível de instrução e cultura — superior
Motivo do encaminhamento — problemas de comportamento.
Informante — mãe
Problema do ponto de vista da informante: Crises nervosas em que o filho agride a mãe. Dos 6 anos em diante passou a ser rebelde, teimoso e malcriado. Há 6 meses passou a ter crises nervosas tendo inclusive feito duas tentativas de suicídio. Agride a mãe com os objetos que estejam ao seu alcance ou com pontapés e socos. Diz que quer matá-la, ver o seu sangue. Grita na janela que ela e o pai são assassinos e por isso quer matá-los.

Na sala distribuem-se da seguinte maneira:

M C P

O estudo psicológico mostra um grupo familiar que apresenta nítida desagregação de seus membros, usando como defesa básica a negação dos afetos.

Pai — ausente do grupo familiar, auto-referente, narcisista, supervaloriza-se através da intelectualização. Tipo paranóide.

Mãe — insegura, deprimida, desvalorizada, aparenta descontrôle emocional

Cliente — idealizado, inseguro, procura aparêntar uma atitude falsa, negando suas dificuldades.

A família durante quase tôda a sessão procurou manter uma atitude idealizada de falsa felicidade, harmonia e estabilidade, exteriorizada através das verbalizações e títulos. Por outro lado, o comportamento e os desenhos de seus membros projetam profundas dificuldades de comunicação e interação; insegurança e descontrôle afetivo.

Não há noção de grupo familiar como tal, sendo que todos os membros estendem êsse conceito a personagens fora da família.

O pai mantém-se à parte, não se comunicando com os demais membros; tem uma atitude superior e, quando perguntamos alguma coisa, responde longamente com têrmos difíceis e enrolados, mostrando claramente necessidade de afirmar-se através de intelectualização, excluindo qualquer traço afetivo. Seu primeiro desenho é uma casa e um livro do tamanho da casa; não tem título, apenas nomeia os objetos, e seu nome, como em todos os outros desenhos, aparece enorme no meio da fôlha, David. No desenho da família, as pessoas são bolas com braços, e às vêzes, sem olhos. Desenha em primeiro lugar parentes mais distantes para depois colocar o grupo presente. Usa um contrôle excessivo de seus afetos; no desenho abstrato desenha uma casa sem portas nem janelas, que dá impressão de uma pedra. Sua confusão interna e falta de juízo crítico é projetada claramente no rabisco individual onde verbaliza "o globo terrestre pedindo paz e harmonia entre os homens da terra para motivo de júbilo pedindo proteção para os homens... Título: "O globo terrestre ou harmonia".

A mãe, durante a sessão, mantém atitude muito tensa, demonstrando um grande esfôrço para reprimir suas emoções, que parecem prestes a descontrolar-se. A cada pedido nosso, torna-se rubra, treme e por vêzes seus olhos enchem-se de lágrimas. É, entretanto, quem se comunica com o filho.

Os títulos de seus trabalhos refletem claramente a negação dos afetos e idealização da família: "Família muito feliz", "Felicidade completa" etc. No desenho familiar faz só bonecos, todos iguais, sem limitar-se ao grupo familiar presente. Durante o atendimento, autodesvaloriza-se, criticando seus próprios desenhos.

No desenho abstrato da família faz uma casa sem portas nem janelas; o marido e ela são dois bonecos sem rosto; vários bonequinhos mínimos, todos idênticos, entre os quais identifica um como o filho. O título é "A felicidade completa". Nesse desenho fica clara a falta de união, a vivência da família como um grupo, desvalorização de desvitalização dos personagens.

O filho apresenta o reflexo das dificuldades pessoais de seus pais. Vivencia a não aceitação de sua pessoa como ser individual, falta de noção de grupo familiar, a idealização e negação dos sentimentos. O pai, no desenho abstrato, o vê como "o cume da montanha, é o máximo, o sol e as estrêlas". A mãe o vê como um boneco mínimo, igual a outros tantos que brincam fora de casa. Essas vivências aparecem em seus desenhos. "A lancha do vencedor", "A banana de cristal", "O carro de André", "O campeão".

A necessidade de superestimar-se para estar dentro da espectativa do pai e a vivência de desvalorização confundem-se em seus desenhos.

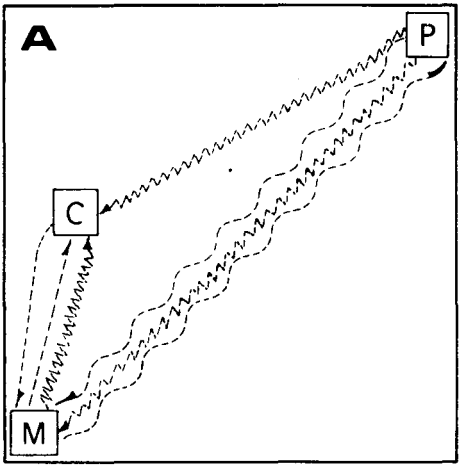
No rabisco conjunto, a situação familiar se define. O rabisco escolhido pela mãe é o do filho. O pai determina o tema um arco e flecha. O filho recusa-se a trabalhar em conjunto, realizando o mesmo tema no rabisco da mãe. A mãe coloca o título no desenho do filho "Brinquedo preferido de meu filho". E o filho intitula o desenho dos pais "Arma sagrada dos índios".

O pai então nega tôda a possível agressividade do desenho, afirmando "não escolhi arco e flecha como motivo de guerra, e, sim, pela harmonia de nossa casa porque pode representar o cupido".

Aparece aí então a desestruturação da família, o filho que se comunica sòmente com a mãe, a idealização e negação do pai e a necessidade do cliente de reagir dentro das expectativas, refletindo o conflito dos pais (desenha também um arco e flecha). Em suma, parece tratar-se de uma família cujos membros encontram-se com sérias dificuldades pessoais, que os impossibilitam de uma boa comunicação e formação de um grupo estruturado. Isso vem a prejudicar o desenvolvimento do filho que parece refletir os conflitos do grupo.

Orientação: Os pais parecem ser as pessoas que apresentam maiores dificuldades. Tendo, entretanto, a mãe melhor contato com o filho deveria ser a pessoa indicada para receber orientação. Se possível indicar terapia para a mãe e diagnóstico individual para o filho.

Prognóstico: Devido às condições dos pais, é difícil fazer-se prognóstico mais seguro.



Caso A
Gráfico das relações psicológicas familiares

Caso B

Data de nascimento — 3-12-57 idade — 9 anos
Côr — branca Sexo — masculino
Religião — ... Escola — H.B.

Ano escolar — 2.º primário
Pai — 37 anos — GB — ex-chefe de seção de pessoal de uma importante emprêsa (separado)
Mãe — 36 anos — Alagoas — escriturária em uma organização paraestatal.

Irmãos: 1 — menino — 9 anos — 2.º ano primário
2 — menino — falecido aos 5 meses, quando o cliente tinha 4 anos

Pessoas que residem com a família:
tio materno — 23 anos, estudante de psicologia;
antiga empregada, de 60 anos.
Situação econômica — equilibrada
Nível de instrução e cultura — médio superior
Motivo de encaminhamento — comportamento
Informante — mãe

Dificuldades na escola. Lê mal, troca letras; é dispersivo, faz desordens na classe; sono agitado, levanta-se dormindo.

Na sala distribuem-se da seguinte forma, diante dos cavaletes:

T C M

O estudo psicológico mostra grupo familiar com desagregação, pobreza de afetos e de comunicação entre seus membros.

Mãe — não afetiva, não comunicativa, rejeitadora.
Cliente — coartado, procurando refúgio na fantasia.
Tio — intelectualizado, indiferente.

O que fica bem nítido durante a sessão é a falta de comunicação e participação como um grupo. Como se apura da verbalização a pessoa centralizadora e mais importante da família não compareceu, a empregada.

A mãe, presente ao atendimento, por nem um momento demonstrou maior interêsse ou expressão de algum sentimento pelo que se passava. Respondia cordialmente às nossas perguntas, concordando com os demais. Seus desenhos são frios e esquemáticos. No desenho da família faz uma só personagem, a empregada, tendo seu irmão verbalizado que a "empregada é necessária como coordenação para a existência da família". Na família abstrata, incapaz de fornecer algum dado particular afetivo, coloca figuras idênticas, diferindo apenas pela abertura da bôca na seguinte ordem: "Idalina (a empregada), seu irmão, ela própria e por último o filho, de olhos e bôca fechados." Os demais desenhos são animais ou objetos.

O tio procura durante a sessão manter uma atitude displicente, indiferente e intelectualizada. Seus desenhos são também esquemáticos e não aparece côr. Como fica expresso em suas verbalizações e desenhos não pertence nem bem a essa família, nem à sua própria; divide-se entre as duas.

No desenho da família seus personagens não possuem características particulares. Sua identificação é indiferente, sendo que coloca-se em primeiro lugar e o cliente por último. No desenho abstrato divide as características dos membros de sua família como dois tipos, os indiferentes e os quadrados. Coloca-se como "indiferente". Parece identificar-se de certa forma com os problemas do sobrinho, quando diz ter passado a morar com a irmã por causa da criança que não possui pai, e êle por experiência própria sabe quanto isso faz falta. Entretanto, permitimo-nos fazer a hipótese de que sua atitude demonstra mais sua própria dificuldade em

viver na casa de sua mãe, com o padrasto, pessoa a que se refere ligeiramente, com ansiedade. Também podemos sugerir que sua necessidade em possuir uma casa, em que se sinta bem, manifesta-se no primeiro e último dos desenhos. São casas pobres e pequenas.

Durante a sessão, o cliente tem uma atitude retraída. Responde sumàriamente a nossas perguntas mostrando-se muito pouco espontâneo. Seus desenhos são esquemáticos e pobres. Sua família resume-se a "tico", um boneco esquematizado que o cliente afirma ser seu irmão. À nossa pergunta responde que é inventado, e que brinca com êle. É mais velho, alegre e falador. No desenho abstrato está dançando. Essa fantasia parece demonstrar o sentimento de solidão em que o cliente vive, e sua necessidade de fantasiar um companheiro que participe de sua vida.

Seu último desenho "casa" apresenta-se um pouco mais elaborado. O cliente descreve como uma casa de campo. O traço do desenho lembra as "casas" do tio. A mãe e o tio explicam que seria a casa que o cliente gostaria de ter, longe daquela em que vivem, no campo, com árvores e espaço.

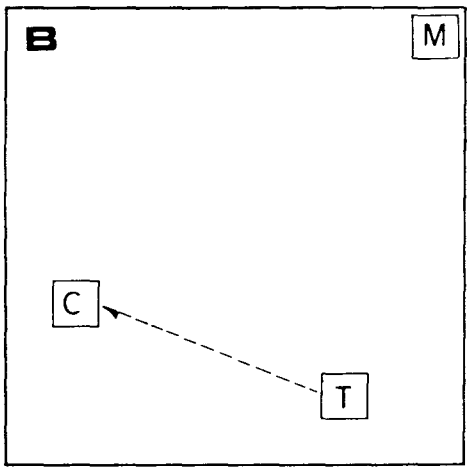
O desenho conjunto é trabalhado no rabisco do filho por escolha do tio. A mãe escolherá o seu próprio, mas por fim concorda com os demais, escolhe o tema e êle próprio é quem mais trabalha sendo que a mãe e o tio limitam-se a reforçar o casco da tartaruga. A escolha do tema e a participação dos membros descreve bem a dinâmica da família — principalmente a repressão dos afetos mantida pelos adultos, e expressa pelo reforçamento do casco.

Observa-se também o apoio, mesmo intelectualizado, que o tio dá a C, permitindo-lhe escolher o tema, apesar da oposição inicial da mãe que sugere "um chapéu". Mais adiante ela reafirmará sua vontade desenhando "o chapéu" no último quadro, mostrando a não aceitação dos demais.

Conclusão. Trata-se de uma família bastante desagregada onde a falta de comunicação e a repressão dos afetos por parte dos adultos é profundamente sentida por C que procura refugiar-se na fantasia.

A mãe parece pessoa bastante rígida e rejeitadora. O tio, apesar de suas dificuldades, parece aparentar maiores possibilidades de comunicação e ajuda ao sobrinho.

Faz-se necessário o atendimento individual de C para uma avaliação de suas dificuldades e até que ponto acha-se refugiado na fantasia. Não há dados suficientes que permitam um prognóstico.



Caso B
Gráfico das relações psicológicas familiares

Caso C

Data do nascimento — 19-4-59 Idade — 8 anos
Côr — branca Sexo — masculino
Religião — Israelita Escola — G.H.B.
Ano Escolar — 4.º primário

Pai — 43 anos — bras. (polonês naturalizado) — sec. — corretor
Mãe — 35 anos sec. — dona de casa

Irmãos:
1 — menino — 14 anos — GB — 4.º ginasial
2 — *menino* — 8 anos — GB — 4.º primário

Situação Econômica — adaptada.
Nível de Instrução e Cultura — médio
Encaminhado pelo COI
Motivo do encaminhamento — problema de comportamento.
Informante — mãe

Nervoso, inseguro, desvalorizado, considera-se afeminado, burro, acha que os pais não gostam dêle. Tem medo de tudo. É gago, briga com o irmão. Muito dependente da mãe.

Comparecem com atraso à reunião marcada. Vestem-se simplesmente e os filhos estão uniformizados. A mãe explica a demora por

morarem longe e ter que preparar os filhos para a escola. Caminham separados, sem se comunicarem, até a sala de atendimento onde se distribuem da seguinte forma:

Fo M C P

O estudo psicológico mostra o grupo familiar aparentando desajustamento e desagregação.

Pai ausente e desvalorizado, comunicando-se apenas por meio de punições e atitudes agressivas.

Mãe por um lado dominante, perfeccionista, exigente e rejeitadora. Devido à experiência psicanalística, por outro lado, tem visão geral das dificuldades familiares, e procura através de seus conhecimentos de psicologia ajudar os demais e manter a família unida, sob seu contrôle.

Encontra maior apoio no filho menor (cliente), formando com êle um nítido subgrupo fechado.

O filho mais velho reage agressivamente a essa preferência, enfrentando a mãe, entrando em competição com o C. O C limita sua relação familiar à mãe, por quem é mimado. Teme a presença do irmão mais velho, que ameaça essa relação.

A mãe viveu o atendimento como uma sessão psicanalística, mantendo uma atitude cooperadora, procurando descrever e interpretar-se a ela própria e aos demais membros. Dá a impressão de usar seus conhecimentos psicológicos tanto para ajudar realmente a família quanto para controlá-la. Idealiza os filhos e o marido, e não os vendo atingir seus ideais, isso interpreta como dificuldades psicológicas nêles. Atribui a si própria dificuldades também, porém êsse conhecimento parece estar mais no plano intelectual, usado para autovalorização. No desenho abstrato, descreve-se como chão, mas querendo dizer terra, a que dá bons frutos quando cultivada.

O pai mostrou-se fechado e isolado, comentando os desenhos dos demais sòmente quando solicitado, expressando-se amàvelmente por monossílabos e frases superficiais. Irrita-se com a atitude da mulher, sobretudo quando pensava estar sendo observado por ela. Atribui as dificuldades familiares exclusivamente à mulher.

O filho mais velho comunica-se bastante durante a sessão. Reage ativamente às interpretações e à preferência da mãe pelo irmão. Parece procurar comunicação com o pai, no que não é correspondido. No desenho abstrato, o pai é visto como ausente da família, espectador de um filme de guerra.

Assume uma atitude defensiva contra o contrôle da mãe e subgrupo mãe-cliente. No último desenho, é uma lancha fazendo patrulha.

O filho menor (C) sente a relação com a mãe como essencial. Vive dela sem tomar conhecimento da existência dos demais, reagindo apenas à ameaça do irmão mais velho.

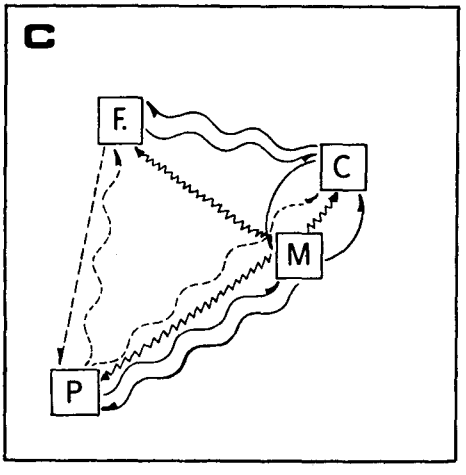
Procura agradar a mãe retirando dos demais os lápis, e entregando-os a ela.

A situação familiar aclara-se no rabisco conjunto.

O rabisco escolhido é o do irmão menor (preferido pela mãe). É um desenho desintegrado, onde as contribuições individuais se superpõem sem que tenham um critério prestabelecido. O filho menor (C) recusa-se a trabalhar com os demais desenhando sòzinho no rabisco da mãe.

Encaminhamento: É um caso onde as dificuldades individuais parecem estar principalmente ligadas às dificuldades familiares. Sendo a mãe a pessoa-chave da família, e mostrando profundo interêsse em ser ajudada a reestruturá-la, parece-nos a pessoa indicada para a orientação. Os filhos não apresentaram maiores problemas que os refletidos pelo comportamento dos pais.

O prognóstico parece ser satisfatório.



Caso C
Gráfico das relações psicológicas familiares

Caso D

Data do nascimento — 2-9-57 Idade — 9 anos
Côr — branca Sexo — masculino
Religião — Católica Escola — S.I.
Ano Escolar — 4.º primário

Pai — 41 anos — GB — sec. — representante comercial
Mãe — 34 anos — GB — sec. — dona de casa

Irmãos:
1 — menino — 9 anos — GB — 4.º primário
2 — menina — 8 anos — GB — 2.º primário

Situação econômica — confortável
Nível de instrução e cultura — médio
Motivo do encaminhamento — problema de comportamento
Informante — mãe

Inquietude, nervosismo, agitação, reclamações diárias do filho no colégio; não faz deveres, brinca todo o tempo, prejudica a atenção dos demais. Gago, inseguro.

Na sala, distribuem-se da seguinte forma:

M Fa C P

O estudo psicológico mostra grupo familiar que aparenta desajustamento nas relações interpessoais.

A figura central é o pai, evidentemente, mais requisitado pelos filhos. Atitude dominante de exibição. Incrementa a disputa dos filhos por sua pessoa. Em relação à autoridade exterior, submisso. Parece dirigir e dinamizar a família.

Mãe — omissa, passiva, submissa ao pai, sêca, controladora e agressiva no pouco contato com os filhos. É isolada pelo resto, sem reagir.

Filho (C) — passivo, calado, desligado, só se manifestando pràticamente na disputa com a irmã pela posse do pai. Entretanto, não se submete às suas ordens, opondo-se de maneira passiva, mas determinada.

Filha — ativa, exibida, comunicativa e irônica. Agressividade manifesta ao irmão na disputa do pai.

Levando-se em conta a participação ativa ou passiva dos membros da família, podemos dividi-la em 2 subgrupos.

Pai/filha — ativos, dinamizam o grupo.

Mãe/filho — passivos, fechados, não comunicativos. Percebe-se uma grande afinidade entre pai e filha, o mesmo não havendo entre a mãe e o filho.

A mãe é figura totalmente à parte do contexto familiar, ligando-se ao pai através da submissão. O filho desliga-se da situação, enquanto o

pai tenta comunicar-se com êle, através de ordens. Reage por negativas, de onde só sai para agredir à irmã na disputa do pai. Isso se pode ver no rabisco conjunto. A mãe isola-se quase imediatamente, quase nada participando. Em seguida, impede que o filho também participe, mandando-o parar dizendo que "senão os outros não terão mais o que fazer".

A filha e o pai são os que mais trabalham juntos. Mas quem reconstrói e reformula todo o desenho e permanece por último, por muito tempo, é o pai. É uma atitude nìtidamente de afirmação e exibição, onde discorre sôbre o tema e os possíveis títulos do desenho. Tôdas as tentativas dos outros membros da família de participar são desprezadas por êle.

A família por fim limita-se a observá-lo. Há falta de unidade no grupo. O pai, figura preponderante e central, não parece agrupar os demais membros à sua volta de uma maneira cooperadora e construtiva; tem uma atitude narcisística, sentindo-se satisfeito pela disputa entre os filhos e a submissão da mulher.

Numa análise mais aprofundada de cada membro familiar, podemos ver que o filho encontra-se em sérias dificuldades.

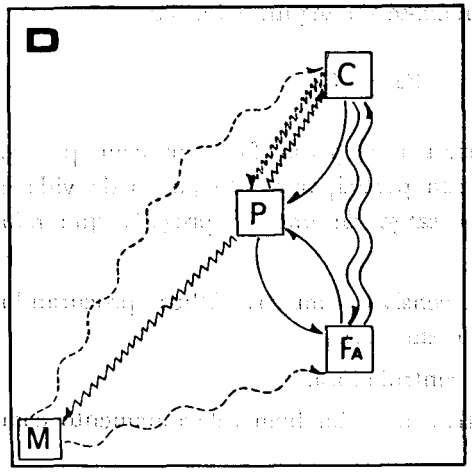
Seus desenhos mostram oposição ao meio, agressividade e desestruturação. Seria oportuna uma pesquisa mais profunda de sua percepção, havendo suspeita de algum comprometimento orgânico. Há dificuldade em expressar-se verbalmente, e sua atenção é fluida. Todos seus desenhos aparentam idade mental abaixo da cronológica. A filha tem comportamento extroversivo, e seus desenhos demonstram certa visão da situação familiar, tudo de forma irônica.

Parece ser uma criança bem dotada intelectualmente. Demonstra muita agressividade contra o irmão. Está entretanto em melhores condições emocionais que êle. A mãe parece ser uma pessoa inteiramente sêca. Seus desenhos são pobres e inexpressivos. Na família abstrata omite sua pessoa o que parece demonstrar bem a sua situação no ambiente real.

O pai, como aparece no primeiro desenho (paisagem que fazia quando era menino), tem uma atitude infantil. Necessita afirmar-se como figura dominante, através da disputa dos filhos e da submissão da mãe. Dá a impressão de não aceitar o filho como êle é. No desenho abstrato, descreve-o com "óculos", coisa que sempre o desgostou no filho.

Orientação: Encaminhamento do paciente para testes procurando-se pesquisar além dos problemas emocionais, possíveis distúrbios na atenção, percepção ou possibilidade dêsses decorrerem de alguma deficiência orgânica.

Uma orientação mais exata só poderá ser feita após êsses exames.



Caso D
Gráfico das relações psicológicas familiares

Caso E

Data de nascimento — 4-7-61 Idade — 6 anos
Côr — branca Sexo — masculino

Religião — ... Escola — C.T.
Ano escolar — pré-primário

Pai — 41 anos — MG — sup. — economista
Mãe — 37 anos — Ceará — 1.º medicina — taquígrafa

Irmãos:
1 — menina — GB — 9 anos — 4.º primário
2 — menino — GB — 6 anos — pré-primário

Outras pessoas que residem com a família
Madrinha do cliente — 54 anos — analfabeta
Situação econômica — estável
Nível de instrução — cultura superior
Motivos de encaminhamento — problemas de conduta
Informante — mãe

Rebeldia, nervosismo, rouba objetos e dinheiro e os esconde.

Compareceram à hora prevista. É marcante o contraste entre as crianças e a mãe. O menino e, principalmente, a menina estão muito bem

vestidos. Parecem crianças finas e bonitas. A mãe, muito espalhafatosa, dá impressão de pertencer a uma condição social inferior. O pai é mais modesto e discreto. Na sala, distribuem-se da seguinte forma:

M P Fa C

O estudo psicológico mostra um grupo familiar com poucas vivências em comum. Os pais parecem participar muito pouco da vida e orientação dos filhos, que ficam a cargo de uma empregada que não comparece à reunião.

Pai — carinhoso e compreensivo com os filhos procurando dessa forma substituir sua ausência em casa.

Mãe — ausente, agressiva, controladora.

Filha — estável, comunicativa, mantém bom relacionamento com o irmão.

Cliente — inteligente, ressente-se da ausência materna, procurando substitui-la pela empregada.

O pai aparenta ser pessoa simples e desvalorizada, como êle mesmo diz, "uma árvore com poucas ramagens". Entretanto revela interêsse pelos filhos, procurando compreendê-los. Apesar de declarar ser mais apegado ao menino, demonstra muito carinho pela filha, segurando-lhe a mão várias vêzes ao falar-lhe. Acha que a filha nada tem de anormal, e atribui as dificuldades familiares à mulher, que procura ressaltar uma separação entre pai e filho e mãe e filha.

Acha que os filhos não apresentam maiores dificuldades além das esperadas em crianças criadas por terceiros, devido à necessidade de ambos os pais trabalharem fora.

A mãe desde que entra na sala procura chamar a atenção para si. Tenta dominar e dirigir o grupo, fazendo-o de forma bastante agressiva. Percebe-se que se sente inferior; tenta expressar-se pernòsticamente, supervalorizando-se.

No primeiro desenho tanto ela quanto os filhos fazem uma casa, tendo comentado ela: "Vocês olharam para mamãe. Vocês espiaram, etc." Várias vêzes durante a sessão, quando os filhos se aproximam para verem seus desenhos, ela os afasta agressivamente, dizendo que "não podem copiar". Dá a impressão de competir com os filhos. "Devo acrescentar a coincidência de desenho da menina e do menino em comparação com o meu." No desenho da família os membros vêm-se dois a dois, pai e filha,

mãe e filho. Isso porque "é um princípio da natureza que a filha é mais chegada ao pai e o filho mais chegado à mãe. É um princípio básico". Parece sentir-se muito pouco à vontade no final da sessão, ao ver o cliente no colo do pai. Faz o possível para que o filho vá para o seu colo, o que é inútil. Dá impressão de culpar o marido de suas dificuldades com os filhos pois, "por motivos financeiros, foi obrigada a trabalhar fora". No desenho, "O homem do farol" parece sintetizar seus sentimentos: "A casa do faroleiro fica feia na gíria. O homem tem que subir lá em cima para dar o sinal. Aqui eu enfeitei porque êle fica sòzinho, lá em cima." A distância em que se coloca e a posição falsa são supervalorizadas. No último desenho, expressa sua agressividade contra a situação de trabalhadora, "Uma casa de abelhas, aquela que produz mas é muito perigosa".

A filha parece estar perfeitamente adaptada à situação. Os pais são pessoas secundárias, pondo em primeiro plano o irmão e a empregada (pessoa que os criou desde o nascimento). É uma menina bastante inteligente que percebe as dificuldades dos pais e sente-se bastante à vontade para apontá-las (no caso do desenho familiar da mãe notou que os bonecos não possuem braços). Seu último desenho, livre, é a representação dela e do irmão numa festa de São João, da qual os pais não participam.

O cliente é uma criança bem desenvolvida, muito viva e alegre. Seus desenhos são poucos, e a maior parte do material obtido vem de suas verbalizações.

Durante a sessão demonstra claramente sua preferência pelo pai, procurando-o constantemente, sentando-se em seu colo, abraçando-o e beijando-o. A atitude dos pais reflete-se bastante no seu desenho familiar, onde vemos o pai, a mãe e o servidor num barco; êle e a irmã, em 2.º plano. Reclama do desenho da família de sua irmã alegando que "eu nunca saí assim, abraçado à mamãe". Quando, no desenho abstrato, coloca sòmente as preferências do pai e da mãe, "É porque gosto demais do papai". Mais adiante, diz que "a empregada é sua mãe, e que a mãe é de mentira, é falsa". Procura várias vêzes demonstrar que não gosta da mãe.

O desenho conjunto é elaborado no rabisco da mãe por escolha da filha. Os filhos são os que mais trabalham, e a idéia é da filha e o cliente adere imediatamente.

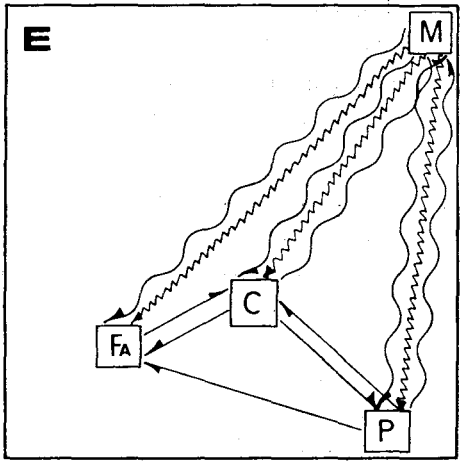
Os pais limitam-se a observar. A mãe comenta que "a filha não dá chance" e depois que todos terminam acrescenta brincos e colares ao desenho feito. O pai sugere o título "carnaval".

Nesse contexto pudemos observar a dinâmica familiar onde as crianças atuam livremente numa situação onde os pais não participam e as críticas e tentativa de contrôle da mãe não são aceitas pelos filhos. É o desenho de uma pessoa desconjuntada, mal acabada e inadequada. Reflete a situação do teste onde os pais procuraram representar um papel ao qual não estão acostumados na vida real — papel de mãe e pai que participam da vida dos filhos.

Encaminhamento: Nenhuma das duas crianças parece apresentar alguma dificuldade além das refletidas pelo comportamento dos pais. A ausência dêles é sentida por ambos os filhos que parecem ter encontrado na empregada uma substituta satisfatória.

A mãe parece ser a pessoa que apresenta maiores dificuldades pessoais. O pai parece ser uma pessoa compreensiva e capaz de ajudar aos filhos numa boa orientação.

O prognóstico parece satisfatório.



Caso E
Gráfico das relações psicológicas familiares

Caso F

Data de nascimento — 8-5-59
Côr — branca
Religião — Católica
Ano escolar — 2.º primário

Idade — 7 anos
Sexo — masculino
Escola — E.C.

Pai — 35 anos — RJ — professor
Mãe — 33 anos — SC — professôra de línguas

Irmãos: 1 — menina — 9 anos — 2.º primário
2 — menino — 7 anos — 2.º primário
3 — menina — 5 anos — jardim de infância

Situação Econômica — estável
Nível de Instrução e Cultura — superior
Motivo de Encaminhamento — comportamento
Informante — mãe

Tímido, não reage quando os amigos lhe batem. Chora e parece covarde. Distraído, não fixa bem as coisas. Às vêzes fica com os olhos esbugalhados. Dificuldades de linguagem. Dificuldade de manipular os objetos. Reações alérgicas.

Comparecem pontualmente. Vestem-se formalmente, o pai de terno e mãe muito sóbria, fora da moda. No caminho para a sala, a filha mais velha observa que não deveria ter colocado os sapatos novos de verniz para andar na lama.

Na sala, distribuem-se da seguinte forma:

P FaM FaV M C

O estudo psicológico mostra grupo familiar que aparenta contrôle excessivo. Falta de liberdade e não aceitação dos afetos de uns membros pelos outros.

Pai — formal, submisso e desvalorizado, inadequado, reflete nos filhos atitudes exigidas pelo contrôle materno.

Mãe — formal, controladora, determinando tôda a atitude familiar de acôrdo com seu ideal de vida preestabelecido.

Filha mais velha — mais dinâmica da família, identifica-se com a mãe, atuando por esta durante a sessão.

Filho (cliente) — submisso, retraído, isolado, desvalorizado, controlado.

Filha mais nova — parece ser a mais adaptada, sendo dirigida pela irmã mais velha.

Com exceção da filha mais velha, os demais membros pouco ou nada se movimentam durante o atendimento. Dá impressão de família ideal por encomenda.

O pai nega tôda e qualquer desvalorização ou agressão a sua pessoa, aparentando uma atitude de compreensão, alegando que os ataques da filha mais velha são brincadeiras infantis, que ela é "muito zombadeira". Procura manter-se distante para manter-se invulnerável e verbaliza sua necessidade de simplificação e visão geral, sem entrar em detalhes.

Assume uma atitude intelectualizada, usando têrmos psicológicos e vivendo o papel de psicólogo. Reconhece o contrôle materno, vendo nêle também uma atitude simplificadora e desejo de aprisionar a família.

O filho deve ser igual ao pai e as irmãs, ambas iguais, padronizadas. Sente-se inadequado no papel que a mulher exige dêle. Representa então, num boneco chinês, o personagem engraçado.

A mãe pouco participa da sessão; sua atitude, desenhos, verbalizações, são controlados. No desenho da família podemos ver seu desejo de uniformização e contrôle. A família padronizada onde os membros se distinguem pela altura, pois não possuem feições ou qualquer outro traço que os identifique particularmente. Estão todos dentro de casa. É o seu ideal de beleza e tranqüilidade. A casa demarcada do primeiro desenho, muito distante no último; uma cena bucólica.

A filha mais velha identifica-se com a mãe, controlando os demais membros ativamente. Sente-se ameaçada com a presença da irmã. Entretanto qualquer agressão a esta é sentida como muito perigosa numa família onde só sentimentos bons e formais são permitidos. É assim que, depois de fazer o retrato familiar, onde coloca a irmã de chifres, e do pai e do irmão sòmente a cabeça, entra em ansiedade no rabisco individual, mostrando bastante agressividade e confusão no traçado. Em seguida, passa o resto da sessão, mais retraída, afirmando serem os desenhos da irmã os mais bonitos do mundo. Profundamente dependente da mãe, temendo desagradá-la, na família abstrata descreve só a mãe. Seu último desenho é do tipo escolar; descrição das partes de uma árvore.

A filha menor talvez seja a mais aceita, entretanto já participa da necessidade de padronização imposta pelos pais. Aceita que os irmãos igualem seus desenhos. Um coloca um detalhe imediatamente, os outros acrescentam também o mesmo no dêles, e assim por muito tempo. Está ainda muito voltada para si mesma, bastante infantil; no desenho da família põe em si mesma uma coroa.

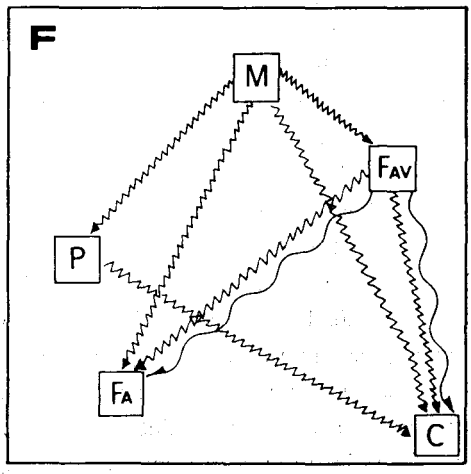
O cliente parece ser o mais prejudicado da família. Anula-se para poder ser aceito pelos demais membros. Fìsicamente é uma criança bonita, porém fraca e pálida. Seus movimentos são lentos e frágeis, anda sem fazer ruído. Só fala quando perguntado, e suas respostas vêm como num murmúrio. Como o pai o descreve, é disciplinado. Procura adaptar-se à maioria. Por isso é benquisto. Então C submete-se, deixa-se controlar, anula-se para ser aceito. Não ousa desagradar a mãe e parece agir dentro de seus princípios de beleza, tranqüilidade e bondade. No primeiro desenho, tenta-o fazer semelhante ao da mãe; não é entretanto um desenho tranqüilo, parece ameaçador, escuro, e o título é "um trabalho". No desenho da família separa-se dos demais; os membros são figuras deformadas, disformes, e a identificação dos personagens é feita pelos seus nomes próprios, e não pelo parentesco, o que mostra a distância afetiva imposta na família. Seu último desenho é uma fazenda onde aparecem os animais, cada um num cercado.

Tôda a agressividade e desestruturação contida na família até então, aparece no desenho conjunto. "É cobra familiar." Não é pròpriamente um desenho conjunto. O rabisco eleito é o da mãe, onde é completada uma cobra pelos pais. O C procurando assemelhar-se o mais possível faz ao lado um desenho igual, um pouco menor — o filhote da cobra. A filha menor desenha uma casa ao lado. A maior recusa-se a trabalhar em conjunto.

Em suma é uma família aparentando sérias dificuldades de relacionamento que são negadas e usadas para um contrôle excessivo de seus membros.

Orientação: A atitude controladora e não permissiva dos pais parece estar prejudicando profundamente o desenvolvimento psicológico dos filhos. Principalmente de C que não tendo como a filha mais velha uma identificação com uma figura forte e dominante como a mãe anula-se procurando voltar-se para dentro de si próprio, não crescendo, e regredindo até poder identificar-se com a mãe como foi mostrado através do primeiro desenho da família, onde C e M não possuem rosto, e no filhote de cobra. Faz-se necessários atendimento individual para diagnóstico de C e se possível da filha mais velha para ver até onde estão prejudicados.

Prognóstico: Levando-se em conta a atitude pouco aberta dos pais e as dificuldades de C, parece ser um caso difícil.



Caso F
Gráfico das relações psicológicas familiares

Caso G

Data de nascimento — 19-5-59 Idade — 8 anos
Côr — branca Sexo — masculino
Religião — ... Escola — J.A.
Nível — 3

Pai — 41 anos — GB — dentista
Mãe — 33 anos — RJ — prof.ª de música

Irmãos: 1 — Menino — 8 anos — nível 3
2 — Menino — 6 anos — nível 1
3 — Menina — 5 anos — jardim de infância

Situação econômica — boa
Nível de Instrução e Cultura — médio superior
Motivo de encaminhamento — escolaridade
Informante — mãe

É disperso, tem dificuldades de linguagem embora haja aprendido a ler ràpidamente. Quando tinha 3 anos, reagia violentamente quando castigado, atirando-se ao chão e sapateando. EEG normal. Temores noturnos, acidenta-se muito.

Comparecem pontualmente. Os pais acham-se sentados na sala de espera enquanto os filhos encontram-se pelo jardim, brincando. À chamada do pai, atendem prontamente. Na sala, distribuem-se da seguinte forma:

P C M Fa Fo

O estudo psicológico mostra grupo que manifesta aparente comunicação e liberdade entre seus membros. Podem-se distinguir claramente três núcleos no grupo: Pai/cliente; Mãe/filha; e filho mais nôvo, rejeitado e isolado pelos demais.

Pai — aparentemente comunicativo e cooperador.

Mãe — pouco manifesta-se; defende-se, não participando.

Cliente — perseguido, manifesta grande agressividade.

Filho — rejeitado, deprimido, apresenta durante a sessão comportamento exibicionista.

Filha — negativista, fechada.

O que ficou mais nítido durante o atendimento familiar foi a discrepância entre a atitude comunicativa e aparentemente permissiva de seus membros e o conteúdo nìtidamente agressivo e persecutório, deprimido de C, e seu irmão menor.

O pai durante a sessão mantém uma atitude não comprometida, procurando demonstrar serenidade e cooperação. Comunica-se bastante com os demais, e principalmente com C. Mostra-se compreensivo às agressões de C, verbalizando apenas "seus desenhos são um pouco agressivos", no que é imediatamente interrompido pela mulher que declara serem "hábitos da escola".

Há uma tendência em seus desenhos de não identificação; seus personagens não possuem características pessoais, sente que êle próprio, no desenho da família, limita-se a um boneco esquematizado, amarelo.

A mãe quase não participa, limitando-se a disciplinar os filhos. De maneira geral, seus desenhos são infantis, pouco elaborados.

Os personagens da família são aí apenas rostos com excessão da filha, que parece ser realmente o centro de suas atenções. Dá muito pouco de si, sendo incapaz de elaborar um desenho a partir do rabisco individual, aceitando a sugestão de C completando um nariz.

C é o mais atuante do grupo. Reage francamente à estrutura familiar. Quase tôda sua comunicação é dirigida aos pais, de quem procura o reconhecimento de sua individualidade, a quem agride e controla, refazendo e acrescentando coisas no desenho.

Principalmente quando percebe a falta de identificação dos personagens no desenho do pai reage abertamente colocando-lhes feições. Os pais parecem serem sentidos por C como figuras agressivas e ameaçadoras (o pai espirra balas de canhão e a mãe bate na irmã). Desenhos disformes e grotescos. Pessoas que participam de situações das quais os filhos estão excluídos (acham-se sentados à mesa e são de côres diferentes). Desvitaliza e agride o irmão, desenhando-o como uma caveira em cima da mesa.

O conteúdo persecutório-agressivo de seus desenhos encontra-se em oposição ao seu comportamento durante a sessão, onde se permite trocar idéias com o pai; senta-se em seu colo e observa o desenho dos demais de mão dada com o irmão.

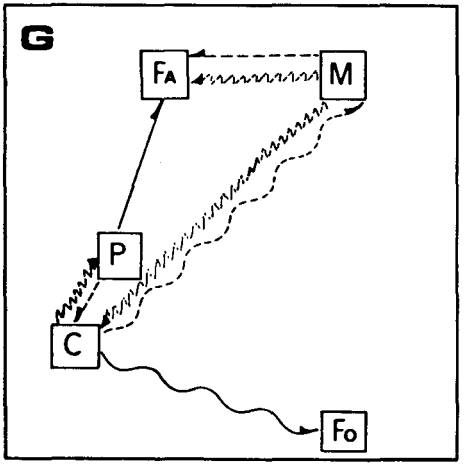
Poder-se-ia supor que a agressividade em seus desenhos demonstrasse principalmente reação à situação familiar. Assim, C em seu primeiro desenho descreve "um barco superequipado de munição, atacado por dois aviões, mas que sai vencedor". A colocação de seu nome seguido ao título do desenho sugere sua atitude: "A Guerra".

Já seu irmão menor não parece possuir as mesmas possibilidades defensivas e atuantes de C. Durante a sessão, procura de várias formas chamar atenção sôbre sua pessoa, correndo e escondendo-se atrás dos cavaletes. Nos desenhos seus personagens são figuras mutiladas e diminuídas. Na família abstrata, suas figuras possuem braços enormes onde se vê a mãe com a irmã, o pai próximo de C; êle está isolado num canto. Diz que os braços para cima significam alegria; êle próprio coloca-se em posição diversa porque sente-se triste. Elogia êle mesmo seu rabisco individual ao constatar que os pais se referiam sòmente aos dos irmãos. Seu último desenho é uma cópia da técnica usada por C, mostrando assim seu desejo de assemelhar-se ao irmão.

Filha tem uma atitude inibida; pouco se manifesta, mesmo quando solicitada. Comunica-se principalmente com a mãe no que é correspondida. A partir do momento que constata ter sido seu rabisco o escolhido para o trabalho conjunto, torna-se mais comunicativa. Seu último desenho é também uma imitação de C.

No rabisco conjunto, encontramos resumida a dinâmica familiar. C sugere o desenho do pai. A mãe reage, sugerindo o da filha. Escolhido o da filha os 4 trabalham ignorando o Fo que completa o seu próprio. C tenta se impor, impedindo Fa de trabalhar; e escolhe o título "Frigideira".

Em suma: Trata-se de uma família em que os pais procuram não se comprometer, e a atitude física não corresponde ao conteúdo vivencial dos desenhos. O pai procura não individualizar os membros da família, ignorando quaisquer características pessoais. A mãe apenas se manifesta quanto à disciplina dos filhos; demonstra clara preferência pela filha. Os filhos ressentem-se da situação, sendo que C reage ativamente através de agressões, impondo-se no grupo. Fo profundamente rejeitado pelos demais não demonstra possuir as mesmas possibilidades que C o que o coloca numa posição submissa e deprimida.
Orientação: Faz-se necessário atendimento de Fo.
Prognóstico: De maneira geral trata-se de uma família com dificuldades, mas que parece possuir possibilidades restauradoras satisfatórias.



Caso G
Gráfico das relações psicológicas familiares

Caso H

Data de nascimento — 17-11-57 Idade — 9 anos
Côr — branca Sexo — masculino
Religião — ...
Ano escolar — 3.º primário Escola — S.I.

Pai — 39 anos — ES — superior — engenheiro
Mãe — 32 anos — GB — sec. — dona de casa

Irmãos: 1 — menino — GB — 9 anos — 3.º primário
2 — menina — GB — 7 anos — 1.º primário
3 — menina — GB — 6 anos — pré-primário

Situação Econômica — boa
Nível de Instrução e Cultura — superior
Motivo de encaminhamento — Problema de comportamento. Inquietação, agitação, está sempre mexendo em tudo que vê na frente, movimenta-se demais ou implica com os outros. Briga muito com a irmã, mas, fora de casa, não reage quando os outros meninos brigam com êle.

Comparecem pontualmente. Vestem-se com apuro, dando a impressão de estarem prontos para uma festa. O pai de terno, as meninas muito engomadas.

Na sala, distribuem-se da seguinte forma:

Fm P M Fv C

O estudo psicológico mostra grupo familiar aparentando contrôle e dependência excessiva de seus membros. Existem bàsicamente 2 subgrupos:

P/Fm e M/C e Fv

Pai — controlador, infantil, imaturo
Mãe — controladora, rígida, agressiva, imatura
Filho — inseguro, dependente, ansioso
Filha mais velha — insegura, dependente, sujeitada, ansiosa
Filha mais môça — insegura, dependente, imatura, ansiosa

O fato mais marcante durante a sessão é a dependência e insegurança dos filhos em relação aos pais que parecem alimentar essa situação, que os agride.

Pai — durante a sessão, apresenta-se cooperativo sendo quem dirige a atuação familiar. Através de carinhos e palavras amáveis controla todos os filhos e, principalmente, a filha menor com quem mantém intensa comunicação (No desenho da família, ela vem em primeiro lugar).

Nesse desenho, as figuras dão impressão de estarem com os braços atados o que é observado por C, que comenta "parece que estão de armadura". Seu contato familiar parece restringir-se a êsse contrôle, pois não assume o papel de pai, ausentando-se de ambos os desenhos familiares. Sua atitude egocêntrica, no desenho conjunto (decide sòzinho o título e o coloca sem pedir opiniões), e seu último desenho excessivamente infantil, confirmam essa hipótese.

Mãe — Participa muito pouco durante a sessão. Mantém-se distante, hostil, desconfiada, limita sua comunicação ao marido, filha mais velha e principalmente a C, ignorando totalmente a presença da filha menor.

Exerce o contrôle sôbre os filhos, através de olhares e poucas palavras. Alimenta a dependência dêstes parecendo satisfazer-se com a situação. Desvaloriza o marido, retratando-o na família como uma figura esquematizada, pois todos os membros são do mesmo tamanho. Parece reconhecer sua imaturidade e a do marido em relação à família; expressa sua própria necessidade de proteção dos pais, quando, no desenho abstrato da família, coloca-se com os filhos e marido almoçando na casa paterna. O último desenho é seu próprio retrato, apesar de negar o fato. Isso reafirma excessiva preocupação consigo própria, e imaturidade.

Filho — Como os demais apresenta-se excessivamente arrumado. Durante o atendimento, mostra enorme dependência da mãe de quem solicita a todo momento conselhos e permissão. Compete com a irmã mais velha quando esta se aproxima; tenta desenhar no bloco da mãe, pedindo-lhe que troque de lugar com êle. Com o pai é sarcástico e agressivo, criticando-lhe os desenhos e a ortografia. Não reconhece o grupo familiar como tal, desenhando um ônibus cheio de cabecinhas as quais identifica como pais, irmãs, vizinhos, parentes, convidados etc. Na família abstrata, expressa sentimentos depressivos e de reparação. Aparecem sòmente a mãe e a irmã mais velha. A primeira pensa em sua irmã menor e a segunda nêle próprio, que estão na casa da avó. Diz que ia colocar a mãe pensando nêle, mas não coube. Como os demais irmãos sente-se muito ansioso e tenta relacionar a sessão a uma aula, respondendo as perguntas com conteúdos escolares. Quando lhe peço "família abstrata" tenta inùtilmente, e, com grande ansiedade, definir substantivo abstrato. No último desenho procura inverter a situação, colocando-se no papel de um observador que desenhasse todos os presentes na sala.

Filha mais velha — Sua atitude é extremamente insegura procurando apoio tanto no irmão quanto na mãe, sendo controlada por ambos. No desenho da família, a mãe aparece como a figura mais importante. A família abstrata é um desenho confuso, os personagens são ambíguos (é mãe, não é mãe, é noiva, um "beatle", um transviado chorando etc.).

A figura masculina é desvalorizada, em ambos os desenhos. Tal como C, procura controlar a ansiedade fornecendo-nos conteúdos escolares. Em todos os desenhos escreve letras do alfabeto, e tenta definir algarismos romanos quando pedimos que numere os trabalhos.

Filha mais môça — Extremamente dependente e controlada pelo pai. Ignora e é ignorada pela mãe e irmãos. Seus desenhos são formas esparsas e, em grande parte, copia os desenhos dos irmãos e pais. Tanto no tamanho físico como no material apresentado, aparenta idade abaixo da cronológica.

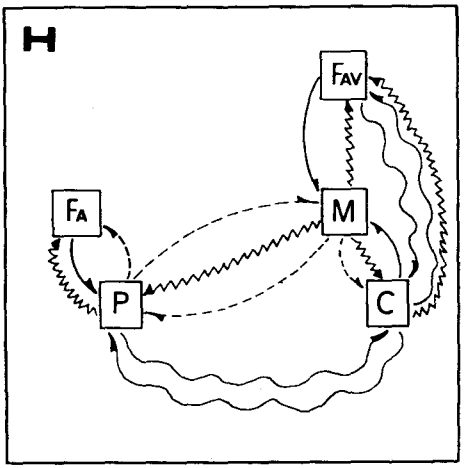
O pai, colocando-se no papel de líder, pergunta a cada um o rabisco escolhido (é preciso frisar que os rabiscos dos membros refletem a falta de liberdade de seus membros. São todos idênticos, uma linha). Decidem-se pelo do Gustavo (C). A escolha parece estar muito ligada ao motivo da consulta (Durante a sessão várias vêzes os irmãos foram impedidos de atuarem porque quem deveria falar era o cliente). O pai então vai chamando um a um em ordem cronológica para darem um risco numa "bandeira".

A filha menor recusa-se a cooperar, insistindo em completar sòzinha o rabisco do pai. Êste, muito delicadamente, pega-a à fôrça no colo, segura-lhe um lápis na mão e força-a também a fazer um traço no desenho. Sem pedir opinião de ninguém o pai escreve "A bandeira da Família".

Parece tratar-se de uma família onde pais imaturos, não tendo satisfeito suas próprias necessidades filiativas, não aceitam a existência dos filhos como tais; assim, colocam-nos numa situação de dependência e contrôle excessivos, o que parece de certa forma satisfazê-los (os pais).

Orientação: Tôdas as crianças parecem ressentir-se da situação, sendo que seria aconselhável o diagnóstico individual das duas meninas. A orientação aos pais deveria ser no sentido de darem maior liberdade aos filhos e de aceitá-los como são. O ideal seria que ambos participassem de uma experiência psicoterápica onde tivessem possibilidade de aceitar melhor sua condição de adultos, chefes de família.

Prognóstico: Todos parecem ter possibilidades restauradoras satisfatórias.



Caso 17
Gráfico das relações psicológicas familiares

5. EXAME DOS RESULTADOS

Depois de descrever os oito casos, e apresentar os gráficos correspondentes pretendemos fazer uma comparação entre êles, ressaltando semelhanças e características particulares.

Infelizmente, não tivemos ainda oportunidade de estabelecer uma amostra normal, que nos permitisse uma comparação mais objetiva de nossas hipóteses.

A) *Relação entre a quantidade e qualidade das linhas dos gráficos e a saúde mental; prognóstico dos membros do grupo familiar*

Levando-se em conta que as oito famílias observadas possuem sérias dificuldades e, em sua maioria, desenvolvem processos patológicos, podemos dividi-las bàsicamente em quatro tipos:

1. Casos C – D – E – G – H
2. Caso A
3. Caso F
4. Caso B

Nos casos do 1.º tipo, como podemos observar claramente através dos gráficos, variedade de comunicações. A localização dos membros, a

direção e intensidade dos afetos talvez não sejam os ideais mas, ao menos, como a variedade de côres nesses 5 gráficos revela, existe farta comunicação entre certos membros do grupo. Em geral, êsses gráficos são indícios de bom prognóstico. Se a orientação psicológica fôr dirigida ao membro mais atuante e comunicativo, provàvelmente todos os demais se beneficiarão (O caso D apresenta características especiais, donde a suspeita de dificuldades orgânicas).

Nos casos do 2.º tipo, pudemos ver que tôda a comunicação, apesar de variada, é superficial ou pouco intensa. O pontilhamento das linhas demonstra sentimentos pouco definidos. Parece ser um caso de prognóstico mais grave, onde um trabalho inicial deveria ser feito no grupo para que os verdadeiros sentimentos se pusessem a descoberto. Caso contrário, parece inútil propor tratamento ou mudança de comportamento, pois no grupo todos negam-se a ver as dificuldades. O gráfico é típico, a comunicação durante a sessão procura encobrir os afetos reais.

O caso do 3.º tipo apresentou um gráfico característico de comunicação inibida. Os sentimentos não são aqui disfarçados, como no caso anterior. Na realidade, não aparecem. O contrôle rígido e excessivo, mantido em grande parte por um membro dominante, impede pràticamente qualquer manifestação afetiva. O exemplo é um só, mas parece-nos que o prejuízo das pessoas que vivam num ambiente como êsse é inegável. No caso, o cliente era esquizofrênico (de acôrdo com o diagnóstico clínico individual). A possibilidade de restauração da dinâmica de grupos com essas características parece remota. Como vemos pelo gráfico, nenhum membro demonstra maleabilidade afetiva ou comunicativa.

O caso do 4.º tipo é representativo de gráficos de grupos familiares, onde é marcante a ausência de qualquer forma de comunicação. Nêle, há um membro externo que se uniu à família (tio materno). A possibilidade de reformulação do contexto grupal, entretanto, não parece tão desfavorável como no caso precedente.

B) *Comparação entre a comunicação e posição dos personagens apresentados nos gráficos e a distribuição física dos membros na sala de atendimento.*

Um fato que de início nos chamou a atenção foi a semelhança entre as relações psicológicas e a proximidade ou afastamento físico dos personagens, durante a sessão.

Os membros isolados psicològicamente, todos êles, escolhiam para trabalhar os cavaletes extremos (O papel para o desenho era prêso em cavaletes). Os mais atuantes tomavam, em geral, posição mais ao centro. Êsse fato pode ser comprovado comparando-se, no início de cada caso, na sala, a localização dos membros com o gráfico das relações psicológicas em cada caso observado.

6. CONCLUSÃO

Êste trabalho representa apenas uma tentativa para a elaboração de gráficos das relações psicológicas familiares, num diagnóstico obtido através da arte familiar.

Os oito casos apresentados deram-nos uma pequena amostra de tipos de dinâmica familiar, que podem ser fàcilmente observados para registo em gráficos que permitam elementos de diagnóstico.

Entre as utilidades que êsse tipo de objetivação dos processos psicológicos apresenta, podemos destacar algumas que nos parecem de maior importância:

a) a visualização da dinâmica psicológica do grupo familiar possibilita a observação dos membros mais ou menos comunicativos e a sua localização no grupo;

b) o tipo do gráfico que se obtenha facilita um prognóstico;

c) no acompanhamento do caso de cada família, os gráficos permitirão mostrar as mudanças que ocorram (direção, intensidade, tipos de comunicação etc.);

d) os gráficos facilitam estudos comparativos entre várias pesquisas.

Queremos deixar claro que estamos cientes da limitação e das falhas dêsse método. Uma validação com um grupo maior e uma amostra comparativa de famílias normais será imprescindível para qualquer afirmação mais categórica. Entretanto, achamos que principalmente para diagnóstico clínico, ou estudos afins como os de confronto entre vários grupos, êsse método pode ser empreendido, sem prejuízo de outros que proporcionem dados mais completos.

BIBLIOGRAFIA

ACHERMAN, N. W. *Diagnóstico y Tratamento de las relaciones familiares,* Hormé.

ACHERMAN, N. W. Family Therapy Ch. 14, *in*: *American Handbook of Psychiatry,* vol. III.

ACHERMAN, N. W. *The Psychodynamics of family life,* Nova Iorque, Basic Books, 1958.

BOSZORMENYI, Nazy I. *Theory of Relationships: Experiences and Transition in Intensive Family Therapy,* Nova Iorque, Harper and Row, 1965.

BÜHLER, Charlota. *El niño y su familia, Técnica de Exploration Familiar,* Buenos Aires, Editorial Paidós.

CARTWIGHT e DE HARARY, F. *Structural Balance Ageneralization of Heider's Theory, Psychology Revue,* 1965, n.º 63, p. 277-293.

CARTWRIGHT e ZANDER *Groups Dynamics,* Tavistock Publications, 2.ª edição.

GREVES; ERNEST, R.; SKINMER; EDNAL, L.; SWANSON; SADU, J. *The Family and its Relationship,* 3.ª edição, Chicago, Filadélfia, Nova Iorque, J. B. Leippincott C.º, 1943.

FESTINGER, L. Informal Social Comunication, *in*: *Cartwright, Zander Group Dynamics,* p. 286-299.

FREUD, Sigmund *Obras Completas,* Madri, Editorial Biblioteca Nueva, 1948, vol. I e II.

STRODBOCK, Fred L. *The Family as a Three-Person Small Groups-Studies in Social Interation* — Paul Hre. Edgard F. Bortatta Robert F. Bales.

LINZEY, G. *Handbook of Social Psychology,* Ed. Vol. I, Cambridge, Massachussets Addison, Wesley, 1954.

LINDZEY, Hall, *Teorias de Personalidade,* Editôra Heider da Universidade de S. Paulo. 1966.

KWIATKOUSKA, Hanna. *Arte, Terapia Familial — Sua Função na Pesquisa e na Terapia* (Apostilha). Notas sôbre o uso de desenho e pinturas como meio primordial de comunicação na terapia familial de esquizofrênicos; uso de produções artísticas das famílias para avaliação psiquiátrica.

FLÜGEL, J. C. *Psicanalisis de la familia,* Editorial Paidós, Biblioteca de Psicologia Profunda.

JOHNSON, H. M. Sex Role in Nuclear Family, *Child Development,* n.º 23, 1963, p. 319.

KAUFMAN, I.; PECH, A. L. and TAGIURI, C. K. *The Family Constellation and overt Incestuous Relations between Father and Daughter in a Modern Introduction to the Family,* E. N. W. Bell and E. F. Vogel, glencoe, The Free Press, 1960.

LANDIS, J. T. Reexaminations of the Role of Father as an Index of Family Integration. *Marriage and Family Living,* n.º 24, 1962, p. 122.

GRINBERG, L.; LANGER, M.; RODRIGUES, E. *El grupo Psicológico,* Buenos Aires, Editora Nova, Biblioteca de Psicoanalisis.

MASSERMAN, J. H. (Ed) Individual and Family Dynamics, *Science and Psychoanalisis.*

SCHACHTEL, E. G. *Focal Attention in the Family, Its Structure and Funtionsed,* Ruth L. Coser, Nova Iorque, St. Martins Press, 1964.

SEARS, R. R. *et al* The Socialization of agression, *Readings in Social Psychology,* p. 350-359.

SCHACHTER, ,S. *The Psychology of Affiliation,* Califórnia, Stanford University Press 1965.

ZNANICEKI; THOMAS *Family Disorganization "I" Attitudes vs. "We" Attitudes,* Cap. 14, p. 602.

FORREST, Tess, Paternal Roots of Female Character Development *in*: *Contemporary Psychoanalysis* vol. 3, p. 21 a 37.

WALTER; SILLARD; HILL; RONBON *The Family, a dynamic interpretation,* Nova Iorque, The Dryden Press, 1943.

WINNICOTT, D. W.; SLAVSON, R. S. Family and Individual Development. *Psychotérapie analitique de groupe,* Presses Universitaires de France, 1953.